

24 DE NOVEMBRO DE 1935

Fotos Arquivo/DN



Lauro Lago e João Batista Galvão (os dois em destaque), durante o embarque para a prisão no Rio de Janeiro, onde ficaram por uma década

Instaurado Governo Popular Revolucionário

8h - Com a cidade sob controle, restando apenas o quartel da PM resistindo, o comitê regional do PCB reúne-se com o comando militar e o assessor Santa, para definir as medidas administrativas e a estratégia militar, na residência de um ferroviário membro do partido, nas Rocas.

Com a recusa de diversos oficiais convidados para assumir o comando militar do movimento, essa posição foi entregue ao sargento músico Quintino Clementino de Barros, norte-riograndense de Serra Negra, membro do PCB e líder natural entre seus pares. Em seguida, foi escolhido o Governo Popular Revolucionário, constituído por Lauro Lago, servidor da polícia civil, secretário do Interior; José Macêdo, tesoureiro dos Correios, secretário de Finanças; João Batista Galvão, servidor do Atheneu Norte-Riograndense, secretário da Viação; José Praxedes de Andrade, sapateiro, secretário de Abastecimento; e Quintino Clementino de Barros, secretário da Defesa. Foi oferecido a Santa o cargo de presidente, que foi recusado, permanecendo o assessor dando sempre a última palavra em todas as decisões. Todos os cinco componentes eram filiados ao Partido, sendo que dois eram membros do comitê regional.

9h - A junta de governo toma as primeiras medidas práticas. O presidente do sindicato dos estivadores João Francisco Gregório recebe a incumbência de assumir o comando militar do cais do porto, impedindo a entrada ou saída de qualquer navio, inclusive as seis corvetas mexicanas, dois cargueiros britânicos e um brasileiro, o em-



Juiz João Maria Furtado foi absolvido das acusações

barque ou desembarque de passageiros e tripulantes, e a desativação de seus rádio-telegrafos e do farol marítimo.

Durante a noite, haviam recebido asilo na es-

quadrilha mexicana, algumas pessoas entre as quais o médico Aberdall de Figueirêdo, o deputado Pedro Matos, o desembargador Silvino Bezerra e o capitão Leonel Bastos, comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros. O capitão havia abandonado a escola, atravessando o rio Potengi em escaleres, com dezenas de alunos e retornando até o navio mexicano. O motorista Epifânio Guilhermino, membro do Partido Comunista, recebe a tarefa de requisitar automóveis particulares e caminhões e organiza um grupo de motoristas, entre os quais Domício Fernandes, que também teve destacada atuação no movimento. Vários proprietários foram procurados e tiveram seus veículos requisitados, entre eles, os comerciantes Severino Alves Bila e José dos Santos, que eram concessionários. Na mesma hora, em Currais Novos, o delegado geral Enock Garcia que havia deixado a capital durante a madrugada, telegrafa a Dinarte Mariz em Caicó, relatando os acontecimentos e solicitando arrematamento de homens e armas. Dando seqüência, Dinarte telegrafa ao governador Argemiro Figueiredo, da Paraíba e acerta o envio do pedido com a máxima urgência.

10h - José Praxedes, que provavelmente por sua condição de filiado mais antigo do PCB, era tido entre os membros da Junta de Governo, como seu coordenador, reúne populares e partidários na praça do mercado, em frente ao quartel do 21º BC, para ler a proclamação do Governo Popular Revolucionário, o que fez "subindo na mureta do quartel em meio a vivas à revolução e a Prestes".

Fotos Arquivo/DN



O então governador Rafael Fernandes

11h - A Junta assume formalmente o Governo do Estado em reunião na Vila Cincinato, residência oficial do governador, editando então seu primeiro decreto, que destituiu o governador Rafael Fernandes e dissolvia a Assembléia Estadual Constituinte. Distribuiu comunicado "aos camaradas em armas e ao povo em geral", apelando à manutenção da ordem, respeito às pessoas e à propriedade privada e dando garantia aos comerciantes para abertura dos estabelecimentos comerciais na segunda-feira. Em seu périplo na coleta de viaturas, ao passar pela rua General Glicério, na Ribeira (por trás da Igreja do Bom Jesus) ao avistar na porta da sua residência o agente da Companhia de Navegação Costeira, Otacílio Werneck, sem motivo aparente o alvejou mortalmente. Por esse crime hediondo, que seria a segunda das quatro únicas mortes violentas ocorridas em Natal em quatro dias de lutas, receberia mais tarde a maior pena aplicada aos participantes da insurreição: trinta e três anos de prisão. Continuando sua trajetória de violências, que incluiu o incêndio de um cartório e saque em um box do mercado público, ao tentar arrombar o armazém da viúva Machado, desentendeu-se com um soldado do Exército que o atingiu com um tiro, levando à sua internação hospitalar e ao final de sua carreira de "revolucionário", poupando a cidade de sua sanha.

14h - Após dezessete horas de combate, não havendo mais munição, o comandante Luiz Júlio reúne seu estado-maior e decide pela retirada, evitando assim a

rendição. A saída dos combatentes se dá pelos fundos do quartel, situado em um barranco voltado para o mangue na margem do Potengi, onde hoje passa a avenida do Contorno. O objetivo era tentar alcançar a Ribeira ou o Alecrim pela margem do rio ou atravessá-lo a nado. Dos oficiais, o único a conseguir esta façanha foi o tenente Bilac de Faria, exímio nadador. Bilac, que tinha relação de parentesco com o ex-governador Juvenal Lamarine e na década de 1950 seria deputado estadual, destacou-se como um dos mais aguerridos combatentes durante o cerco. Todos os demais oficiais foram presos, juntamente com grande número de praças. O tenente José Paulino de Medeiros, o Zuza Paulino, que também se destacara pela bravura no combate, no momento da fuga foi atingido por uma rajada de metralhadora no braço, foi preso e transportado para o Hospital Miguel Couto, onde depois teve o antebraço esquerdo amputado. Zuza Paulino era um dos mais exaltados partidários de Mário Câmara na Polícia Militar e estava sofrendo pressões do novo governo por suas posições políticas. Sua atitude legalista, reforça o entendimento de que, apesar do elevado número de "maristas" que aderiram ao levante (inclusive na PM), essa não foi uma posição oficial da Aliança Social, nem do ex-interventor ou de Café Filho. O major Luiz Júlio e o comandante do 21º BC, tenente coronel Otaviano Pinto Soares seguiram pelo mangue, na tentativa de abrigar-se na Escola de Aprendizes Marinheiros, que não sabiam já estar ocupada pelos revoltosos desde a noite anterior. No trajeto, foram presos por uma patrulha e recolhidos ao xadrez do 21º BC. No decorrer da luta apenas cinco combatentes sofreram ferimentos, todos de natureza leve, sendo um deles o futuro coronel Celso Pinheiro. Apenas uma morte (a terceira das quatro ocorridas em Natal durante todo o levante, de acordo com a documentação existente) foi registrada no longo combate pela posse do quartel da PM: do cidadão Luiz Gonzaga. Esse fato ocasionou uma polêmica que setenta anos depois não ficou completamente esclarecida. Luiz Gonzaga realmente participou dos combates dentro do quartel desde a primeira hora, tendo demonstrado muita coragem e afoiteza, sendo essa a causa de sua morte, pois no momento da retirada retardou a fuga, sendo alvejado pelo motorista Sizenando Filgueira, membro do PCB e dos mais ativos participantes do levante. A polêmica situa-se no fato de que, até o mês de janeiro de 1936, nem o detalhado relato do órgão oficial A República, nem os diversos relatórios oficiais, tampouco nos autos dos processos e nos julgamentos dos indiciados, há citação da morte e da condição de soldado da Polícia Militar de Luiz Gonzaga. A ausência de divulgação da morte, que realmente ocorreu, levou alguns historiadores a aventar a hipótese de que o fato de não ter sido registrada significaria que era um popular desconhecido, cujo alistamento realizou-se *post-mortem*. Caso

tenha sido, na época, a tentativa de criar um herói, resultou desnecessária, pois heróica foi a luta coletiva dos sessenta e oito defensores. Sete décadas depois, a polêmica persiste.

15h - Dominado o quartel da PM e controlada totalmente a capital, com todos os efetivos armados disponíveis e contando com um número razoável de viaturas, a junta de governo deu seqüência ao seu segundo objetivo militar: a ocupação e instauração de governos locais provisórios nas principais cidades do interior do estado.

Foram organizados três destacamentos, constituídos de militares e civis armados, que seguiram o roteiro das estradas que levam ao litoral sul e agreste, ao litoral norte e mato grande e ao Trairi e Seridó.

18h - Após entendimentos intermediados por Aurino Suassuna, genro do cônsul honorário do Chile, Guilherme Lettieri, o governador Rafael Fernandes, o secretário-geral Aldo Fernandes e o ajudante de ordens capitão José Bezerra de Andrade se transferem para a residência do cônsul, situada em rua próxima. A família do governador, que até então residia no Rio de Janeiro, havia partido no dia 21, de navio, tendo desembarcado em Salvador no dia 24, a convite do governador Juraci Magalhães, que a hospedou até o final do levante.

A residência de Guilherme Lettieri, na Ribeira, onde o governador Rafael Fernandes refugiou-se ao lado de alguns de seus auxiliares durante os três dias do Movimento Revolucionário em 1935

